

VIVÊNCIAS E EXPECTATIVAS DE LAZER PARA TRABALHADORES TERCEIRIZADOS PELA INDÚSTRIA CALÇADISTA: um estudo sobre as representações cotidianas

Suzi Mara Freitas*
Daniela de Figueiredo Ribeiro**

1. INTRODUÇÃO

Segundo Andrade (2001), a origem da palavra lazer vem do grego “*licere*”, que significa permitido, dessa forma, o autor associa o lazer ao tempo de estar liberado das atividades obrigatórias que impedem momentos de prazer e liberdade do indivíduo. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Gusella (1994) acrescenta que o lazer é toda tarefa que proporciona satisfação pessoal e o espaço de tempo em que o indivíduo tem disponível para dedicar-se a atividades físicas, intelectuais e artísticas.

Dumazedier (2004), em adição, caracteriza o lazer como algo que inicialmente tem a função de liberação e prazer. Em seguida, o autor diferencia o lazer em três categorias, sendo a primeira como forma de descanso, para se recompor do desgaste físico e mental; a segunda, como forma de divertimento, recreação e entretenimento, para reparar as constantes pressões sofridas pelo trabalho; e a terceira como forma de desenvolvimento da personalidade e da intelectualidade.

Padilha (2000) descreve que, de acordo com o senso comum, o lazer é considerado como um tempo de preguiça, pois normalmente não há o conhecimento sobre a distinção dos termos: tempo livre, lazer e ócio. O ócio, para essa autora, traz a idéia de repouso, de não fazer nada, já a palavra lazer está ligada à idéia de liberdade de fazer. Portuguez e Rabelo (2001) posteriormente esclarecem que o tempo de não trabalho pode ser preenchido por outras atividades, incluindo o lazer, ou seja, este nada mais é que uma das tantas dimensões do tempo livre.

De acordo com Dumazedier (1980, apud Padilha 2000), as atividades de lazer devem ser desinteressadas, ou seja, sem fins lucrativos e/ou ideológicos. Se alguma atividade estiver ligada a uma finalidade institucional, não é considerado lazer, mas sim “semilazer”. Entretanto, Padilha (2000) contrapõe essa idéia afirmando que o lazer pode ser entendido a partir de duas vertentes, sendo estas o tempo e a atitude. Em relação ao tempo, é possível caracterizá-lo como uma liberação das obrigações diárias, tal como já foi descrito por outros autores. Quanto à atitude, pode ser descrita como uma relação entre o sujeito e a prática vivenciada, dessa forma, até o trabalho pode ser considerado como uma atividade de lazer.

Sobre o lazer nos dias atuais, Morin (1969) afirma que este originou-se da organização do trabalho burocrático e industrial, se tornando um tempo ganho sobre tal trabalho. Apesar de ser um tempo ganho, este tempo se diferencia das festas que caracterizavam os antigos modos de vida, pois ao longo do ano, tais festas visavam promover a comunhão coletiva e ritos sagrados. Esse tempo foi corroído pela organização moderna, onde o tempo livre se resume em fim de semana, férias e consumo. O tempo livre conquistado se abarrotado de conteúdos, deixando de lado o

* Graduada em psicologia pelo Centro Universitário de Franca - Uni-FACEF. Bolsista FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). E-mail: suzi.mf@hotmail.com

** Doutora em psicologia pela FFCLRP-USP. Docente no Centro Universitário de Franca - Uni-FACEF. E-mail: ribares@netsabe.com.br

trabalho, a família e as festas tradicionais. Assim, os conteúdos humanos do trabalho se enfraquecem e acabam esgotando os conjuntos de responsabilidade e de criatividade. Essas formas de consumo deixam explícito que o lazer não é mais sinônimo de repouso, mas sim sinônimo de uma vida consumista, onde o homem busca constantemente uma auto-afirmação enquanto indivíduo privado.

Para Portuguesez (2001), esse modelo de vida tem gerado uma população cada vez mais solitária, mais desequilibrada, com menos amigos e farta de insatisfações. Ter tempo acaba sendo equivalente a ter sofrimento e por isso as pessoas sempre procuram algo para fazer.

Friedmann (1983, apud Padilha 2000) acredita que os trabalhadores procuram compensar no lazer o que não podem fazer no trabalho. Os desgostos e frustrações influenciam muito nas decisões sobre atividades que serão realizadas no tempo de não trabalho. Dessa forma, para Padilha (2000) o “homem é um só e é o mesmo tanto no trabalho como no lazer” (p.62), e os trabalhadores só procuram a compensação nas atividades de lazer quando o trabalho não proporciona ao trabalhador o equilíbrio de sua personalidade. Aquino e Martins (2007) acrescentam que: “(...) no caos entre necessidades econômicas e existenciais, o homem contemporâneo se vê dividido entre as obrigações impostas por suas atividades laborais e o desejo de libertar-se dessas tarefas e, assim, poder usufruir um tempo para si” (p. 481).

O significado da palavra lazer e tempo livre para Bacal (2003), em vez de qualidade de vida, possui um significado econômico. A publicidade usou o desejo das pessoas em manter contato com a natureza e respirarem ar puro, para atraí-las a ofertas de turismo, clubes de campo e colônias de férias. Portuguesez (2001) adiciona a esse raciocínio que, utilizar as férias para curtir a casa e a família ou ler aquele romance que tanto interessava, são atividades bem menos interessantes que viajar, uma vez que a população se apropriou do conceito de que férias e feriados são sinônimos de viagens.

Padilha (2000) descreve como outra visão conservadora do lazer, os ideais de que este tempo deve ser divertido para todos, além de ser um tempo necessário para atividade de descanso, visando que o trabalhador volte mais recuperado para a realização das atividades obrigatórias. “Concebe-se, então, o lazer como algo dotado de poderes mágicos capazes de solucionar ou acabar com as frustrações das desagradáveis condições de vida, principalmente do trabalhador” (PADILHA, 2000, p.60).

Marcellino (1983), no entanto, observa aqui a preponderância do TER em detrimento do SER. Nessa perspectiva, ele afirma que o lazer passa a ser um elemento de reforço e não de reação contra a alienação do homem contemporâneo, e, mais ainda, como uma rentável fonte de bens de serviço a serem consumidos para alimentarem a lógica do mercado, passando a ser nada mais que uma necessidade do sistema econômico.

Como todas as atividades de lazer implicam um gasto financeiro, Gusella (1994) diz que o impedimento de grande parte da população no seu desfrute é, sem dúvida, o gasto envolvido com transporte, ingressos, além dos constrangimentos por parte de famílias carentes que levam seus filhos ao parque e não estão preparadas financeiramente para comprarem as guloseimas que seus filhos pedem. Assim, muitas famílias preferem ficar em casa ou fazer visitas a parentes, ao invés de saírem para um passeio ao ar livre. As crianças acabam tendo contato apenas com o ambiente doméstico e não usufruem os benefícios culturais do lazer. Dessa forma, Camargo (2003) complementa que devido à carência de serviços públicos, o principal instrumento de lazer é o espaço doméstico, uma vez que a maior parte do tempo livre ou disponível das pessoas é vivido no espaço da própria casa.

Segundo Portuguez (2001), o modelo pós-moderno de vida urbana causou nas classes menos favorecidas uma preocupação em buscar, durante as horas livres para o lazer, uma complementação de renda através de meios informais, enquanto as classes mais privilegiadas desfrutam do tempo de não trabalho. Devido a isso, muitas vezes a residência acaba deixando de ser o cenário ideal para o refúgio seguro ou para a convivência familiar e assume funções distintas como ser o local adequado para a execução dos negócios, como acontece com alguns tipos de terceirizações do trabalho.

No caso da indústria calçadista, verifica-se a existência de terceirizações de serviços para as bancas de pesponto, abrindo espaço para que etapas do processo de produção do calçado sejam realizadas em locais adaptados, ou improvisados, na moradia do próprio trabalhador. De acordo com Navarro (2003), existem as pequenas bancas de pesponto, que muitas vezes contam com a ajuda de uma ou mais pessoas da família, para a execução do trabalho.

Na maioria das vezes, as pequenas bancas de pesponto funcionam de maneira informal, pois muitos de seus trabalhadores não possuem carteira assinada e, portanto, não usufruem dos mesmos direitos que os trabalhadores considerados formais. Para as empresas, essa forma de prestação de serviço gera uma maior parcela de lucros, pois não há preocupação com os registros dos funcionários, e a mão de obra é considerada mais barata.

Assim, pode-se observar que setor informal de prestação de serviços tem influenciado não só na produção calçadista, como também na maneira de viver das pessoas que presenciam essa realidade, pois, como afirma Barbosa e Mendes (2003), em inúmeros casos não é possível distinguir onde começa a oficina ou termina a casa.

Nestes locais, geralmente não há nem tempo para as atividades de lazer e nem leis para assegurar esse direito. No entanto, seria relevante investigar, através da atual pesquisa, como as famílias em estudo utilizam as possibilidades que estão ao seu alcance para desfrutar e vivenciar concretamente o tempo de lazer. Diante do novo cenário de trabalho, como estas atividades estão ocorrendo no cotidiano dos trabalhadores?

Levando em consideração questões como essas, o objetivo geral do trabalho é caracterizar as percepções de trabalhadores que realizam costura manual do sapato em suas residências ou em bancas de pesponto sobre seu trabalho e atividades de lazer. Quanto aos objetivos específicos, pretende-se caracterizar o ambiente físico e os tipos de interação social nas bancas de pesponto e residências onde acontece a costura manual do sapato; identificar as situações de lazer e a maneira com que se utiliza o tempo livre; identificar as crenças e ideologias utilizadas pelos participantes da pesquisa para justificar e validar suas práticas relativas ao lazer.

2. PROPOSTA TEÓRICO-MÉTODOLÓGICA

Para a realização do presente estudo foi utilizada a proposta qualitativa e a abordagem etnográfica. A proposta qualitativa, segundo Minayo (1996), baseia-se na busca de diferentes significados de experiências vividas, proporcionando uma fiel compreensão do indivíduo em seu contexto. Ela pode ser considerada como um processo indutivo de analisar dados descritivos da realidade de cada sujeito, seja ele pesquisado ou entrevistado. A construção do roteiro, a execução das entrevistas e registro geral dos dados, a transcrição literal das fitas gravadas nas entrevistas e as

leituras, de acordo com a mesma autora, enfatizam a necessidade de rigor que exige esta abordagem, que não deve ser desenvolvida de forma intuitiva e rápida.

Quanto à abordagem etnográfica, sua principal característica, como André (2001) afirma, é desvendar os significados expressos pela linguagem, ações e eventos que os sujeitos ou grupos pesquisados usam para organizar seus comportamentos. Estes são originários da cultura, a qual deve ser descrita para que se possa compreender a realidade do grupo estudado, de maneira a entender os significados que são revelados gradativamente através do senso comum.

Foi utilizado ainda o método de análise hermenêutico-dialético, que segundo Minayo (1996), complementa de maneira apropriada os estudos etnográficos. Nesse método, o pesquisador se abre para o horizonte do outro, consciente de seus próprios ancoramentos culturais, estabelecendo uma relação dialógica em que a descrição densa do cotidiano tem sua significação na interface com o horizonte do pesquisador. A interpretação assume a função de traduzir ou decodificar códigos culturais, para isso é importante contextualizar os sujeitos.

Para Minayo (1996), na análise hermenêutica e dialética o objeto de análise é a *práxis* social, e o sentido que se busca é a afirmação ético-política do pensamento. Enquanto a hermenêutica penetra no seu tempo e através da compreensão, procurando atingir o sentido do texto, a crítica dialética se dirige contra o seu tempo. Ela enfatiza a diferença, o contraste, o dissenso, e a ruptura de sentido. A hermenêutica destaca a mediação, o acordo e a unidade de sentido. Assim, a hermenêutica-dialética apresenta-se como momentos necessários na produção da racionalidade.

3. PARTICIPANTES E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados aconteceu em duas etapas, que serão descritas a seguir:

3.1 Fase exploratória

Foram realizadas observações participantes em três residências onde funcionam, concomitantemente, as bancas de pesponto, e também em sete residências onde havia apenas costura manual. Ocorreram ainda conversas informais com várias pessoas que fazem parte deste cotidiano, além de participações nas atividades cotidianas, o que levou à percepção de sentimentos expressos quanto ao trabalho, à família, a educação dos filhos, às horas de descanso, entre outros itens que poderiam não ser notados apenas com a realização de uma observação distante da realidade habitual dos sujeitos em estudo.

Segundo Minayo (1996) a observação participante consiste na relação e participação do observador com os observados, a fim de colher dados que não podem ser obtidos apenas através de perguntas ou documentos quantitativos. A interação social do pesquisador pode trazer dados consistentes como a compreensão da rotina de um dia de trabalho, os detalhes do cuidado com o corpo, a maneira de comer, de preparar as refeições, o tom das conversas, ou até mesmo a existência de amizades, simpatias e antipatias. Para que isso aconteça, o pesquisador deve colocar-se no mundo do grupo pesquisado, buscando entender os princípios gerais da cultura, para assim compreender as atitudes e comportamentos das pessoas pertencentes ao grupo.

Durante essa etapa, os dados obtidos foram registrados em diário de campo após o término de cada sessão de observação.

3.2 Fase focalizada

Foram realizadas entrevistas individuais, semi-estruturadas, com cinco trabalhadores identificados na etapa anterior. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para posterior análise. O roteiro de entrevista consistiu na investigação sobre as concepções e vivências relativas ao lazer.

Convém mencionar que antes de aceitarem fazer parte da pesquisa, os participantes foram esclarecidos sobre seus objetivos e procedimentos, assinando posteriormente o termo de consentimento.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os entrevistados trazem uma grande variedade de atividades que consideram como lazer, sendo que algumas estão ligadas a atividades de consumo, tais como ir ao clube e a shows, como foi descrito por duas entrevistadas, além de passeios ao shopping, como mostra a fala de Divina¹:

“No shopping é bom, a gente vai e toma sorvete, come pizza, vai no cinema, é bom (...)” (Divina).

Entretanto, observa-se que a referente amostra executa outras atividades de lazer, que possuem como principal característica, estarem desvinculadas de um aspecto consumista, como por exemplo, visitas realizadas em casa de parentes, amigos e o convívio social, que foram descritos por todos os entrevistados; a realização de atividades esportivas, citadas por três entrevistados; as práticas de atividades religiosas e lúdicas, apontadas por dois entrevistados; e a realização de atividades de lazeres domésticos, lembrada por uma participante da entrevista. Pode-se notar um exemplo disso na fala de Benedita:

“(...) fim de semana agente tem lugar pra ir, às vezes sábado à noite, minha mãe é sagrado. Às vezes eu nem saio, mas como eu tenho muita visita, então as visitas já faz o lazer aqui na minha casa mesmo, então a gente diverte muito. A gente costuma reunir aqui em casa, então é isso que faz nosso lazer ficá bom, nossas amizade, e isso a gente conserva muito” (Benedita).

Tais afirmações contrapõem as colocações de Morin (1969) e Portuguez (2001), que afirmam que a sociedade moderna transformou o tempo livre em um tempo de consumo, fazendo com que as pessoas deixassem de lado a família e o contato social com amigos e vizinhos, e vem de encontro com o que diz Camargo (2003), que salienta que o principal instrumento de lazer é o espaço doméstico, como foi observado neste contexto.

É interessante notar que, apesar de todos os entrevistados considerarem como lazer algumas atividades que não estão ligadas ao consumo, quando relatam as expectativas em relação ao lazer, são manifestados desejos de praticar atividades que envolvam gastos financeiros, tais como freqüentar academia; realizar viagens; ir ao

¹ Os nomes dos participantes apresentados no presente trabalho são fictícios.

pesque e pague; praias; parques de diversões; e circos, sendo possível observar esse aspecto através da fala de Renato e Pereira:

“(...) eu acho que gostaria de fazê mais coisas, assim, igual te falei, se eu pudesse eu gostaria de ir no pesque e pague, levar minha família assim, pelo menos uma vez a cada dois meses, ou se possível uma vez por mês né” (Renato).

“(...) eu gostaria que fosse assim, igual com o filho, curti um parque, um circo, né? Ter mais tempo, sair assim, pra uma praia, né? Esquecer tudo, preocupação, né?” (Pereira).

Desta forma, é possível observar que as idéias descritas aparecem de forma sutil e estão mais próximas da realidade observada, entretanto, é também presente o ideal de um lazer baseado em atividades de consumo, tal como é descrito por Bacal (2003) Marcellino (1983) Morin (1969) e Portuguez (2001).

Isso mostra que quando os participantes da pesquisa são levados a fazer reflexões acerca de suas vivências e de seu cotidiano, eles conseguem identificar momentos de lazer que fogem dos ideais mencionados acima. Tais momentos também foram identificados durante a etapa de observação participante, através de atividades como soltar pipa, brincar na rua, ir aos fins de semana na casa da avó ou primos, contar histórias, manter conversas informais com os vizinhos e entre os membros da família durante o tempo livre ou durante o tempo de trabalho obrigatório. Nota-se, portanto, uma especificidade destes participantes quanto às atividades de lazer, saindo das regras da sociedade capitalista atual. A maior parte dessas pessoas consegue “escapar” de um lazer consumista, estereotipado pela sociedade como a única forma de divertimento e descontração, através da realização de brincadeiras populares e constantes interações sociais e familiares.

Com relação à definição do lazer, Padilha (2000) descreve que o mesmo possui duas vertentes, sendo que a primeira refere-se à liberação das obrigações diárias, que aparece também em outros autores (Andrade, 2001; Gusella, 1994; Dumazedier, 2004; Camargo, 2003); e a segunda seria o reconhecimento do lazer como a prática de atividades que incluem também as atividades obrigatórias, que podem ser realizadas de forma prazerosa. Ao considerar as práticas de lazer dos participantes da pesquisa, verifica-se que as duas vertentes definidas por Padilha (2000) se intercalam no cotidiano dos participantes deste estudo.

Quando os entrevistados falam sobre o significado do lazer, dois participantes afirmam que o mesmo denota distração; um participante caracteriza o lazer como prática de atividades prazerosas; e três participantes atribuem ao lazer o objetivo de resgate das energias para a realização do trabalho remunerado, além de proporcionar momentos de alegria em outros ambientes, como é explicitado pela narração de Renato:

“Então, o lazer vejo assim, que é uma maneira da gente buscá energia pra caminhada da semana né? Um momento onde a gente assim, deixa os problemas, né? Cê esquece, e cê vai procurar assim, é divertir. Mas assim, o lazer pra mim, eu vejo assim, quando a gente consegue, cê tá feliz, né? Que seja com uma conversa, ou com alguma atividade que a gente tá fazendo, que a gente tá alegre, que a gente se sente bem, às vezes mesmo cansado, se tá fazendo com alegria, com vontade, né? Às vezes a gente tá ansioso pra chegar aquele momento de fazê aquilo, então, pra mim o lazer é isso” (Renato).

Estas considerações deixam explícito que, para além do plano do discurso hegemônico, há o plano das vivências concretas do dia-a-dia, captado principalmente através das observações participantes, em que os sujeitos agem e vivem de forma diferenciada daquela que consideram corretas ou que o discurso tradicional postula (e que eles reproduzem). Neste plano vivencial notou-se, em vários momentos, que os participantes da pesquisa utilizam linhas flexíveis ou de fuga² para que a produção desejante³ também seja vivida no trabalho, através de um ambiente mais descontraído do que o da fábrica.

É importante ressaltar que apesar de ser considerada uma linha mais flexível, a descontração no ambiente doméstico de trabalho é perpassada por um novo mecanismo de controle: a mídia massificadora, descrita por Deleuze (1992). Apesar de ser percebida como uma forma de lazer durante o trabalho, ela atua enrijecendo percepções sobre o mundo, ditando valores e modos de vida, enfim, atua na produção de subjetividades capitalísticas, que de acordo com Guattari e Rolnik (1986) são modos de subjetivação que estão limitados ao funcionamento do desejo no campo social, produzindo indivíduos a partir de impedimentos, sujeições, normas e proibições.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, pode-se concluir que a camada popular estudada se insere em um contexto onde é presente o ideal capitalista de consumo, que foi manifestado principalmente através da exposição dos desejos e expectativas quanto às atividades laborais e de lazer dos entrevistados. Apesar destes aspectos se tornarem marcantes, observou-se que, na prática, a maior parte dessas pessoas consegue escapar de momentos rígidos através das linhas flexíveis, que propiciam também a entrega do “eu” na relação com o “outro”.

Contudo, é preciso esclarecer e atentar para a questão de que este é um estudo preliminar, que proporcionou um contato inicial com uma limitada amostra de trabalhadores da camada popular brasileira, portanto, recomenda-se a realização de novos estudos que visem ampliar, ou até mesmo aprofundar os resultados obtidos na presente pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, J. **Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001; p. 13 – 38.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. 6.ed. Campinas: Papirus, 2001.

² Para Deleuze & Guattari (1995) a linha flexível se revela como uma forma de criar novos hábitos sem quebrar totalmente com os antigos, seria como um “jogo de cintura” na forma de agir e desempenhar papéis, já a linha de fuga se configura como uma ruptura total com o hábito estabelecido.

³ Esses autores afirmam que produção desejante é o contrário da produção do medo, ou seja, é um fluxo de intensidade que luta contra o modelo enrijecido e permite novas experimentações, levando o indivíduo a estados de alegria e prazer.

AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v.7, p.479-500, 2007.

BACAL, Sarah. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa & MENDES, Alexandre Marques. Capital, trabalho e formação da classe na indústria de calçados. **Políticas públicas e sociedade**. Revista do mestrado acadêmico em políticas públicas e sociedade da universidade estadual do Ceará. Vol. 1, nº.5, jan/jun. p.63-71. 2003.

CAMARGO, Luíz O. Lima. **O que é lazer?**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 219 - 226.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GUSELLA, Glauciene batista Cyrillo. **A Empresa e o lazer: experiência e proposta**. 1994. 103f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1994.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. 8.ed. Campinas: Papyrus, 1983.

MINAYO. Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 4.ed. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.

MORIN, Edgar. Uma Cultura de lazer. In: _____. **Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1969. cap. 6, p.00-00.

NAVARRO, V. L. O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçados de Franca, SP. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SP, v. 17, n. 2, p. 32-41, 2003.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e capitalismo: Um par imperfeito**. Campinas: Alínea, 2000.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Consumo e Produção do Espaço Urbano. In: _____. **Consumo e espaço: turismo, lazer e outros temas**. São Paulo: Roca, 2001. cap. 1, p. 03-29.

_____; RABELO, Denise Lima. Prazer e Contradição: Aspectos da Construção Segregadora dos Territórios de Lazer. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Consumo e espaço: turismo, lazer e outros temas**. São Paulo: Roca, 2001. cap. 31-40.